

## **O JUDEU**

**Narrativa dramática em 3 actos de BERNARDO SANTARENO.**

**Publicada em 1966; várias reedições; traduzida em espanhol. Proibida sob o fascismo, foi representada pela primeira vez em 24 de Fevereiro de 1981 no Teatro Nacional, numa encenação de Rogério Paulo.**

[...]

**Cenas: a extrema complexidade das múltiplas cenas criadas pelo Autor tornaria demasiado extensa a sua descrição. A própria riqueza dos cenários e adereços apela para a capacidade inventiva de encenadores e cenógrafos, que devem encontrar soluções operacionais para resolver os problemas postos pelo texto, nesse campo, e para as quais, aliás, o autor dá precioso contributo com as minuciosas descrições das didascálias. 2.º e 3.º quartéis do século XVIII.**

Estamos em pleno reinado de D. João V. A Santa Inquisição multiplica julgamentos e agrava sentenças. Judeus, ou cristãos novos, ou aqueles que como tal são tidos, constituem as maiores vítimas. A repressão atinge camadas intelectuais, em especial entre aqueles que são considerados os «estrangeirados». O povo apoia e aplaude a acção inquisitorial. António José da Silva (O Judeu), ainda muito jovem, é pela primeira vez preso e torturado, assim como sua mãe, Lourença Coutinho. Além de judeu, António José é acusado de ter querido seduzir uma criada e de ter tido relações com uma prima e com o irmão desta. Cabe ao Cavaleiro de Oliveira narrar e comentar os acontecimentos que se desenrolam no palco, traçando com ironia o quadro histórico em que decorre a vida do «Judeu». Enquanto o Inquisidor-Mor pretende levantar «cada vez mais alto o estandarte do medo», o 1.º Inquisidor manifesta alguma inquietação que não mais o abandonará apesar das tentativas daquele para o tornar totalmente fiel às directrizes do Tribunal. Liberto, António José vai para Coimbra estudar Direito, sendo obrigado a usar o «hábito difamante», pretexto para a chacota dos colegas. Formado, o «Judeu» monta banca de advogado em Lisboa, voltando a viver em casa da mãe, onde reencontra Leonor, sua prima, com quem casa e de quem tem um filho. Entretanto, D. João V prossegue as suas relações com religiosas das quais se destaca a figura de Madre Paula, de quem é amante. Mais tarde, o rei apanha na cela de uma freira, de quem é também amante, um rival (um carvoeiro) que imediatamente manda matar, caso que ficou célebre em todo o país, como comenta o Cavaleiro de Oliveira. António José da Silva transforma-se num autor de teatro muito popular: as suas «óperas» são representadas com grande êxito no mais frequentado dos teatros da época, o do Bairro Alto. A sua carga crítica [levanta] suspeitas aos olhos dos poderosos. Em casa, Lourença tem um sonho profético em que lhe aparecem imagens dos campos de concentração nazis. O «Judeu» é novamente preso pela Santa Inquisição. Tem nessa altura 33 anos. Presas igualmente Lourença e Leonor, outra vez grávida. Testemunhas falsas depõem contra eles. D. João V interfere junto do Inquisidor-Mor a favor do «Judeu», por ser ele autor muito aplaudido. No entanto, torturado, António José da Silva confessa ser judeu. É condenado à fogueira e queimado vivo.

**Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 217-218.**

**Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.**